



A PIEDADE

Pela graça infinita de Deus, paz!
Balthazar, pela graça de Deus.

Na continuidade dos nossos estudos sobre algumas questões morais que envolvem o homem terreno, lembraremos, hoje, da necessidade de desenvolvermos, em nosso espírito, o sentimento de compreensão. O título deste estudo, diremos, será: “a piedade.”

Como desenvolver tal sentimento em nós? Será preciso, para isso, que aprendamos a ver, em nossos irmãos, seres que, como nós mesmos, caminham para Deus, buscando as excelências da vida espiritual.

Após entender que o próximo é alguém igual a nós mesmos, alguém que busca os valores melhores, mais educados, os valores superiores da alma, busquemos compreender aqueles que ainda não despertaram para essa necessidade.

Para que isso se dê, pensemos em nós próprios, quando igualmente não estávamos atentos à necessidade de buscar valores mais elevados. Recordemos aqueles nossos queridos que também não estão despertados para o desejo de progredir e, com esse sentimento no coração, desenvolveremos o enorme poder de compreensão para com os que ainda não são atentos ao progresso.

Se tivermos na alma a capacidade de perceber que esses irmãos estão apenas no degrau abaixo daquele em que nós nos situamos, se esperarmos que um dia eles nos alcancem, se buscarmos dizer dentro de nós: terei paciência, compreensão; se dissermos ainda mais: ajudarei a tal irmão, dar-lhe-ei a mão, para que se eleve, e até mesmo suportarei algumas de suas tolices, das suas necessidades de querer aparecer; se formos capazes de fazer isso, estaremos desenvolvendo, embora de modo iniciante, o sentimento da piedade.

Ora, meus irmãos, a vida nos chama, inúmeras vezes, para exercermos tal sentimento; por isso mesmo, ele é um exercício diário, exercício, poderíamos dizer, permanente; exercício que pede também determinação. Se os nossos espíritos estiverem atentos ao desejo de caminhar, para ir ao encontro de Deus, façamos a nossa parte, na busca dos sentimentos divinos, dentre os quais se inclui a piedade.

E, agora, despedimo-nos de vocês, pedindo a Deus que nos abençoe a todos. Que conduza a todos em paz! Que possamos, envolvidos nas vibrações do Evangelho, conservar o coração venturoso e bom! Que Deus nos ajude, sempre!

Balthazar, pela graça infinita de Deus. Muita paz!

Do livro: *Pela Graça Infinita de Deus*. CELD
Psicofonia: Altivo C. Pamphiro

Estudo: *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Cap. XIII – “Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita”, item 17.

A PIEDADE

17. A piedade é a virtude que mais vos aproxima de Deus; é a irmã da caridade que vos conduz a Deus. Ah! Deixai que o vosso coração se enteneça diante das misérias e dos sofrimentos dos vossos semelhantes. Vossas lágrimas são um bálsamo que deixais cair sobre as suas feridas; e quando conseguis, por intermédio de uma doce simpatia, restituir-lhes a esperança e a resignação, que bem-estar experimentais! É verdade que esse bem-estar tem uma certa amargura, porque nasceu ao lado do infortúnio, mas se ele não tem a ilusão dos gozos mundanos, também não possui as dolorosas decepções do vazio que estes deixam atrás de si, ele tem uma suavidade penetrante que é agradável à alma.

A piedade, uma piedade bem sentida, vem do amor; o amor é devotamento; o devotamento é o esquecimento de si mesmo, e este esquecimento, esta abnegação em favor dos infelizes, é a virtude por excelência, aquela que o divino Mestre praticou em toda a sua vida e ensinou na sua doutrina tão santa e tão sublime. Quando essa doutrina voltar à sua pureza primitiva, quando for admitida por todos os povos, dará a felicidade para a Terra, e nela fará reinar, finalmente, a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais próprio para vos fazer progredir, domando o vosso egoísmo e o vosso orgulho, aquele que dispõe vossa alma à humildade, à beneficência e ao amor do vosso próximo, é a piedade, essa piedade que vos comove até o mais íntimo do vosso ser, diante dos sofrimentos dos vossos irmãos; que vos faz estender-lhes a mão caridosa e vos arranca lágrimas de simpatia. Jamais sufoqueis, em vossos corações, essa emoção celeste; não façais como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos, porque a visão da sua miséria turvaria por um instante a sua feliz existência. Receai ficar indiferentes, quando puderdes ser úteis. A tranquilidade adquirida ao preço de uma indiferença culpada é semelhante à tranquilidade do Mar Morto, que esconde no fundo das suas águas o lodo fétido e a corrupção.

Quanto, no entanto, a piedade está longe de causar a perturbação e o aborrecimento que apavoram o egoísta! Certamente, a alma experimenta, ao contato com a desgraça de outra pessoa, e fazendo um retorno sobre si mesma, um sobressalto natural e profundo, que faz vibrar todo o vosso ser e vos atinge penosamente. Mas a recompensa é grande, quando conseguis dar coragem e esperança a um irmão infeliz, que se entenece ao contato de uma mão fraterna, e cujo olhar, úmido, ao mesmo tempo, de emoção e de reconhecimento, volta-se docemente para vós, antes de se fixar no céu e agradecer por lhe ter enviado um consolador, um apoio. A piedade é a melancólica, porém celeste precursora da caridade, a primeira das virtudes, da qual ela é a irmã, e cujos benefícios prepara e enobrece. (Miguel Bordeaux, 1862.)

